

Carta do Editor: Origem da Revista de Administração e Inovação – RAI

Com a decisão deste editor de voltar a tempo integral à FEA/USP após sua saída da coordenação do PPGA/UNINOVE ao final de 2012, muitos membros do conselho e autores me questionaram sobre a filiação institucional da RAI. Primeiro há que relatar que este editor jamais se afastou das atividades acadêmicas e de pesquisa na USP. Mas, a seu contragosto, aquela universidade privada manteve o *link* da RAI no seu site até meados de 2013, talvez insinuando que esta revista pertenceria a ela. O mesmo ocorreu com a Revista de Gestão Sócio Ambiental - RGSA, da qual sou membro do conselho editorial. De fato, estas revistas, que pertencem a uma comunidade aberta e não tem vínculo necessariamente a uma única entidade, buscam sustentação e apoio em várias fontes. Mas, no caso da RAI, desde 2006, sempre houve uma ancoragem no PGT/USP, núcleo ligado à Pró-Reitoria de Pesquisa da USP. Mas, há ao menos uma dúvida atitudinal sobre procedimento de manter por um período a RAI e a REGSA no site daquela instituição. Por uma solicitação verbal ao editor ao Diretor de Pesquisa, prontamente esta exposição indevida foi suspensa. Pela minha vivência naquela instituição, posso afirmar que nada equivalente a esta situação passa despercebido da Reitoria e da Pró-Reitoria.

Inicialmente, tenho que esclarecer que durante a minha gestão como coordenador do PPGA (2001-2013), criamos coletivamente a REMARK/marketing, a RIAE/estratégia (estas duas chegaram ao conceito B2, tendo sua origem em revistas desativadas pela Pró-Reitoria da IES). Por meio do projeto Pró-Administração/CAPES, que coordenei (2010-2013), foi reformulada a RGSA, com a ajuda de uma ampla equipe, com forte participação dos colegas do Conselho Editorial e do saudoso Mauro Neves Garcia. A liderança foi da querida e competente colega Maria Tereza Saraiva. Podem observar que os textos de apresentação destas revistas e dos principais conceitos editoriais estão inspirados na RAI, que desde o seu início buscou uma definição para as funções dos atores envolvidos e do fluxo editorial. Saliento que este editor não tem responsabilidade alguma pela Revista de Gestão e Projetos daquela IES, embora a criação do MPA neste tema tenha sido responsabilidade técnica daquele que vos escreve.

A RAI tem uma origem curiosa. Ainda pesquisador e presidente da Fundação do IPT - FIPT, com a ajuda de colegas e com financiamento da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e

Desenvolvimento Econômico - SCTDE, iniciamos, em 2004, o projeto de uma revista na temática de tecnologia, que veio a se tornar a RAI. Não conhecíamos quase nada sobre gestão de revistas científicas. Descobrimos, naquela oportunidade, o *Open Journal System* – OJS, que opera a plataforma livre de gestão editorial. Hoje este sistema é adotado pelo IBCIT e é conhecido pela sigla SEER, adotado como referência pela CAPES. Com recursos do IPT baixamos a plataforma e começamos a trabalhar. No entanto, a alta direção do IPT, então presidida pelo Senhor Vahan Agopyan, estranhamente não tinha interesse em manter este esforço. Nosso objetivo para a criação de uma revista focada em tecnologia foi a criação dos mestrados profissionais daquela instituição, em 1997, quando este editor era Presidente do IPT.

Como coordenador do PPGA, envolvemos uma grande equipe externa e pessoal interno nas atividades de apoio e desenvolvimento na área editorial. Mas, a RAI já estava implantada e com fundamentos que estão baseados em uma inovação na estrutura editorial típica no país. Normalmente, uma revista está assentada em um departamento acadêmico específico de alguma IES ou associação, com uma temática ampla e aberta. Isto é, um única instituição se arvora sobre a propriedade da revista que se abre em n temas de interesse da comunidade. Embora este modelo ainda seja dominante na área de administração e economia, hoje esta configuração começa a mudar. As ciências *hard* promovem revistas muito especializadas.

Ao propor a RAI, invertemos esta “pirâmide”. Colocamos na base vários departamentos ou núcleos de pesquisa de diferentes IESs como responsáveis pela editoração da revista, mas fixamos um único tema em Inovação (baseado no conceito do Manual de Oslo). Estes núcleos, todos listados na RAI desde o seu início, têm militância em inovação. Por vinculação do editor e histórico na área, o PGT da USP passou a ancorar tecnicamente o projeto em 2006. O conselho do PGT reúne o núcleo mais renomado em gestão da inovação no país e dele agradecemos a formação de boa parte da comunidade que hoje milita na área. Este núcleo é responsável pela criação do Simpósio de Inovação da ANPAD. Claro que a Linha de Pesquisa em Inovação da UNINOVE estava envolvida neste projeto, mas ela ainda não tinha densidade para liderar um projeto desta envergadura.

Buscando a máxima transparência e ética, esta vinculação institucional de base sempre foi explícita. Ela está impressa na RAI e é de conhecimento de todos. Fui por vezes questionado sobre esta filiação da revista e sempre fui claro e objetivo. Este pertencimento está no registro inicial da RAI no ISSN, no SEER e em todos os diretórios e indexadores do periódico. O pedido de indexação no Scielo e Spell foi feito pelo PGT, bem como o apoio que temos da equipe editorial. Vale notar que quando

introduzimos o *Cross-Ref* (DOI), registramos devidamente no nome da USP, pois este registro é feito por meio de alguma instituição.

O conceito de fundo e que parece não ser percebido por algumas IESs, por demasia preocupadas com o acúmulo de patrimônio, é que uma revista pertence não a um departamento ou instituição, mas sim à comunidade científica. O que vale não é sua filiação e sim o seu conteúdo para o qual temos que zelar. Afinal, é a comunidade científica que envia os textos para o processo de seleção e avaliação, elabora as rigorosas avaliações, imprime as diretrizes, define as normas e as faz ser respeitadas, elabora os editoriais, distribui textos a pareceristas e cobra prazos, dirime conflitos e mantém o estreito contato com a atualização dos projetos de pesquisa que dão origem a esta formidável fonte de informação científica comunitária.

Qual é o papel da IES? Para as revistas criadas por nossa iniciativa, havia gastos com correções de textos, formatação para publicação e manutenção de parte do sistema. Na RAI, que seguindo as boas práticas aceitava dentro de limites rígidos artigos de qualquer IES, a hospedagem sempre foi e continua sendo de responsabilidade do PGT. Correções de texto eram em parte encaminhadas para equipe contratada por aquela instituição. No entanto, dentro das regras estabelecidas, este editor sempre controlou não só o processo editorial, mas as senhas de acesso aos arquivos, diretórios e indexadores, além de controlar todo o fluxo de trabalho editorial. Hoje em dia, a busca por amparo da RAI é feito por este editor com apoio do PGT e de outras instâncias, inclusive hoje em dia adotando a política de solicitar aos próprios autores a revisão ortográfica e de normas.

Assim, felizmente, temos tomado todas as providências para que a RAI seja cada vez mais fruto de um esforço coletivo e não simplesmente um recurso cujo pertencimento seja de uma ou outra entidade. Talvez algum dia os dirigentes ou proprietários das instituições de ensino e pesquisa percebam que este modelo ancorado nos núcleos de pesquisa em um determinado tema é o que de fato funciona, visando sobretudo a divulgação dos resultados de pesquisas desta formidável comunidade científica brasileira.

Prof. Dr. Milton de Abreu Campanario

Editor Científico - RAI